

O dossiê *Estudos do Imaginário: Herança e Atualidade de Gaston Bachelard*, configura mais um número da Inter-Legere – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS-UFRN), e é alusivo à passagem dos 55 anos de falecimento de Gaston Bachelard que aconteceu em 1962. Trata-se de um dos mais brilhantes e proeminentes filósofos do imaginário. Para tanto, nossa revista convidou especialistas reconhecidos e jovens pesquisadores. Abre com artigo de **Jean-Jacques Wunenburger**, eminente filósofo bachelardiano, que faz um balanço dos diferentes destinos do pensamento de Bachelard nos mais variados domínios das ciências, das artes e da literatura. Discute especificamente a repercussão da filosofia bachelardiana após 55 anos da morte do mestre, articulando suas duas bordas: a da racionalidade e a da imaginação. Pela via da racionalidade, mostra a importância e influência de Bachelard na epistemologia francesa de expressão contemporânea. Pela via do devaneio poético, mostra que o bachelardismo ressurge no século XXI por meio de interpretações artísticas, geográficas e arquitetônicas. Essa exposição posiciona o leitor no que o autor denomina dupla cultura, na oposição e complementaridade das duas vias para o conhecimento, anima e animus, dando ao humano a profundidade do ser e os meios de liberdade, verdade e felicidade. Ao mesmo tempo, se desdobram desse bachelardismo três novas perspectivas: educação, crítica literária e ecologia, novas faces da atualidade do pensamento desse grande pensador transdisciplinar que perpassa do corpo ao intelecto, dos afetos às configurações sociais. Os pesquisadores **Luzia Silva, Ivone Tavernard e Junior Tavernard** nos colocam frente a frente com o mestre Bachelard, nos fazem passear por Bar-sur-Aube, sua cidade natal, levando-nos a uma visão de infância poético-educativa. Os autores resgatam a temática clássica da interpretação bachelardiana de um Nietzsche ascensional dentro de uma concepção pedagógica. Lembrem que assim como Nietzsche, Bachelard também foi influenciado por Arthur Schopenhauer, e com isso, traz a tragédia e a luta contra um niilismo por meio de uma influência oriental. A serena jovialidade toma um rumo de purificação ascensional, a qual explica essa interpretação aérea do Nietzsche bachelardiano. Com isso, é possível escapar dos dogmas metafísicos e asfixiantes que permearam a cultura europeia dos séculos XVIII e XIX, articulando a imaginação aérea à liberdade. **Marly Bulcão**, consagrada filósofa bachelardiana, começa por apontar o estigma da filosofia oriental, a

INTER-LEGERE

EDITORIAL

unidade que pensadores como Gaston Bachelard e o filósofo brasileiro José Américo Motta Pessanha buscaram romper por meio da noção de descontinuidade. Pessanha foi um dos primeiros e mais importantes estudiosos e divulgadores do pensamento bachelardiano no Brasil, formando gerações enquanto professor. Entre seus alunos e orientandos de pós-graduação esteve a autora do artigo, Marly Bulcão, que narra a trajetória da defesa da tese de Pessanha *Empédocles e a democracia*. A filósofa destaca que há uma forma de pensamento que, desde os pré-platônicos, relaciona um pensar com as mãos e os olhos, ou seja, uma teoria em que o contato é o fundamento dos eflúvios ou emanações empedoclianais. Dessa teoria nasce uma esferologia não-parmenidiana do ser, mas que se dá em quatro fases cíclicas entre amor e ódio, nascimento e destruição, binômios sempre a se complementarem. É forte o ímpeto de Bulcão ao demonstrar, com tamanha sensibilidade, como a origem metafísica monista se torna um imperialismo monológico de filosofias absolutistas e dedutivistas. Ao mesmo tempo, a filósofa demonstra outra perspectiva, noturna, poética e imaginária, ressaltando a genealogia desse lado bachelardiano pelo convite do poeta Jean Lescure para que Bachelard escrevesse o artigo *Instante poético e instante metafísico*. Assim, por meio da imaginação e da materialidade, os filósofos-poetas Bachelard e Pessanha clamam por um mundo a ser trabalhado, ainda que poeticamente, como a história deveria ser, no qual, por meio da ressonância, nos tornarmos também autores dessas histórias, poesias e devaneios poéticos. **David Velanes** resgata uma querela epistemológica entre dois grandes pensadores contemporâneos e conterrâneos, Pierre Duhem e Bachelard. O primeiro, mais velho, não chegou a conhecer Bachelard, que leu Duhem, apesar de não concordar com suas teorias sobre continuísmo epistemológico, e ambos são considerados epistemólogos da retificação, ou seja, ambos acreditam nos ciclos da história da ciência. A investigação de Velanes é inédita no rol filosófico brasileiro, quando emerge o termo “não-continuísmo”, o autor abre espaço para novos horizontes interpretativos do paradoxo de uma descontinuidade contínua ou de uma continuidade descontínua. Para Velanes, simultaneidade e ruptura não querem dizer, bachelardianamente falando, exclusão de pensamentos, enquanto se trate de racionalidade científica entre teorias coerentes e não necessariamente contraditórias. O artigo do escritor **Jean Libis**, renomado amante do pensamento bachelardiano, traz um título no mínimo curioso, *Du Martin-Pecheur A La Mante Religieuse*, que parece

remeter ao movimento de passagem entre Bachelard e Roger Caillois, dois pensadores do imaginário que iniciaram uma publicação periódica tratando da potencialidade do instante, a *Inquisitions*, revista de apenas um número, e que teve como grande referência bachelardiana o artigo *Le surrationalisme*. Libis nos abre uma nova perspectiva ao justapor também o artigo de Callois, *Pour une orthodoxie militante: les tâches immédiates de la pensée moderne*, presente na mesma revista. Põe de lado o que elege como panoramas heterogêneos de um ao outro, e da codependência entre a alteridade e o imaginário, em que emerge uma relação ainda pouco aprofundada em Bachelard, da qual Libis empenhou uma tese sobre a melancolia. Contudo, o martinho pescador é justamente aquele pássaro que consegue mergulhar nas águas dos devaneios melancólicos e delas retirar seu alimento. Ao mesmo tempo, Libis revela um Caillois pessimista e até não-humanista, em que a perda do sentido é descoberta do manto religioso que foi tecido na história entre os homens e os insetos. **Gabriel Kafure da Rocha**, seguindo o tom de um relato de experiência, enaltece o trabalho do filósofo contemporâneo Jean-Jacques Wunenburger, pelo qual entende que há uma continuidade do pensamento de Bachelard. Ao recolher citações pontuais das obras de Bachelard voltadas à imaginação dos elementos, Kafure cita como o filósofo encarava poeticamente as paisagens que povoavam seu imaginário. Desse modo, é possível encontrar essa consonância entre a imaginação formal e material de ambos, por meio dos conceitos-chave do imaginário aplicados às formas geológicas naturais que se desdobram na maneira como a culturalidade absorve e constrói sua visão de mundo por essa perspectiva. Kafure se vale de uma forma de análise literária, a geopoética, a qual transita entre a espacialidade dos saberes poéticos e antropológicos. Valendo-se de imagens formais do espaço e de suas estruturas naturais (como montanhas, florestas, desertos), analisa como um antropólogo pode encarar geopoeticamente os saberes ameríndios com o arcabouço teórico dos estudos do imaginário. O texto é também uma homenagem a seu pai, Omar da Rocha, antropólogo que costuma contar as histórias de suas andanças geopoéticas entre os indígenas. Por fim, o último artigo do dossiê é fruto de reflexões oriundas da tese de doutorado do cientista social **Ozaias Batista**, orientanda por **Ana Laudelina F. Gomes**, quem, por esse motivo, partilha a autoria do mesmo. Traz uma reflexão sobre a imaginação como faculdade antropológica capaz de instigar a criação e recriação de si. Através do romance *Meu pé de laranja lima*, de José

Mauro de Vasconcelos, os autores apresentam experiências vividas pelo protagonista Zezé, inspirados na fenomenologia da imaginação poética de Gaston Bachelard, no diálogo com as imagens literárias meditadas em devaneio de leitura. Um belo exercício de aplicação da estética bachelardiana. Na seção Leituras, contamos com o artigo de **Rodrigo Viana Salles**, tratando da noção bachelardiana de infância onírica que aparece em teses, dissertações e publicações de pós-graduandos e professores integrantes do *Grupo Mythos-Logos : religião, mito e espiritualidade/PPGCS/UFRN*, do qual é participante. O texto tem por base um fragmento da tese de doutorado do autor, e, por isso, tem coautoria de Ana Laudelina F. Gomes, sua orientadora. A infância onírica se atualiza por meio do devaneio poético e da imaginação ativa, recurso metodológico utilizado por Salles, entendido como leitura antropofágica em relação às ressonâncias que os estudos lidos provocaram no autor quando experienciou a discussão deles nas sessões de orientação coletiva do grupo a partir de 2012. Na seção Estudos, contamos com o texto de de **Jairo José dos Santos Júnior**, que discute sobre o problema da violência no âmbito escolar, especificamente em relação às práticas de bullying, provocando reflexão acerca do discurso ideológico que permeia a relação entre as teorias biológicas e o papel das Ciências Humanas e Sociais nesse contexto. Finalizamos o número da revista com o trabalho de **Lara Lanny de Oliveira Silva e Rennata Kelly Muniz Alves**, que busca verificar e compreender recursos teóricos e metodológicos utilizados pela instituição escolar e pelos professores em relação às mídias e tecnologias da informação e comunicação como instrumentos que podem estimular uma análise crítica das relações entre mídia e poder. Relacionando a temática de nosso dossiê à tradição da revista em relação ao campo da educação, do ensino e da ciência, podemos dizer que, no cenário político brasileiro atual, em que se questiona a importância das ciências sociais, da filosofia, e das humanidades em geral, para a formação das novas gerações na Educação Básica e universitária, trazer reflexões sobre a herança e atualidade da obra de Gaston Bachelard é de extrema relevância, pois ele foi um dos primeiros pensadores contemporâneos a buscar uma articulação profícua entre cultura científica e cultura humanística, pedagogia da razão e pedagogia da imaginação.

INTER-LEGERE

EDITORIAL

Ana Laudelina Ferreira Gomes¹

Gabriel Kafure da Rocha²

¹ Pós-doutoranda em Educação Estética Onírica e Filosofia das Imagens (Fundação Universidade de Rio Grande (FURG) e Université Jean-Moulin – Lyon 3/France). Doutora em Ciências Sociais (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora Titular do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Líder do Grupo de Pesquisa Mythos-Logos: religião, mito e espiritualidade/PPGCS/UFRN-CNPq. Editora-chefe da Revista Inter-Legere, e uma das organizadoras do presente dossiê da revista.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRN. Professor do Instituto Federal do Sertão Pernambucano, um dos organizadores do presente dossiê.